

# *dialektiké*

## **Ontologia, Crítica Social e Ancestralidade**

### **PREFÁCIO**

A retomada da *dialektiké* – Revista de Filosofia do IFRN não é apenas um retorno administrativo, mas um acontecimento filosófico. Depois de anos de interrupção, o silêncio se converte em intervalo fecundo: o espaço entre duas notas que dá ritmo à melodia, a pausa que permite ao pensamento reencontrar sua própria respiração. Esta nova fase da revista nasce sob a Resolução nº 11/2024 – CONSUP/IFRN, que institui a Política Editorial do Portal de Periódicos do IFRN, e vincula a revista ao Núcleo Central Estruturante (NCE) de Filosofia.

O presente número se organiza em torno de um tripé, de três eixos — ontologia, crítica social e ancestralidade. Eles não são compartimentos rígidos, mas linhas de força que atravessam os textos e que se cruzam em diferentes direções. Ontologia, aqui, não é especulação abstrata; ela se encarna na existência concreta, na linguagem e na técnica. Crítica social não é mero comentário externo às estruturas; é interpretação situada, em diálogo com a literatura, com a pedagogia e com a cultura popular. Ancestralidade, por sua vez, não é retorno romântico ao passado; é presença viva, pensamento que se enraíza em tradições diversas e que desafia a hegemonia ocidental, alargando o horizonte do filosofar.

No campo da ontologia, três artigos se destacam. Daniel Costa Martins revisita Simmel, mostrando que a sociologia filosófica é também uma ontologia vitalista, capaz de pensar a vida como forma e movimento. Poliana Emanuela da Costa retoma Heidegger e mostra que habitar não é apenas erguer edifícios, mas cuidar, proteger, abrir espaço poético contra a redução técnica do mundo. Já Edson Gonçalves da Silva Filho põe Platão em tensão com Sloterdijk, revelando como o ser coletivo é atravessado por forças que, longe de harmônicas, podem assumir a forma de “politologias monstruosas”. Nessas leituras, a ontologia se faz vigilância crítica: o ser não é conceito imóvel, mas campo em disputa.

A crítica social percorre tanto a história quanto a educação. Danilo Cortez Gomes revisita *Os Sertões* de Euclides da Cunha à luz de Durkheim e Edith Stein, recolocando as categorias de massa, sociedade e comunidade em um Brasil que ainda carrega as marcas de Canudos. Gabriel Kafure e Nelcino Aquino, por sua vez, levam a filosofia para o pátio da escola, mostrando que a música popular nordestina pode ser também conceito e reflexão. A canção,

quando apropriada pelo ensino, deixa de ser ornamento e se converte em pensamento vivo, em prática crítica e criativa. Aqui, a filosofia se reencontra com sua origem pedagógica: formar não apenas repetidores de ideias, mas criadores de conceitos.

O eixo da ancestralidade desloca o olhar e amplia o escopo da filosofia. Carlos Eduardo de Araújo apresenta o xamanismo e a comunicação indígena como práticas complexas de pensamento, que não cabem nas categorias de “mito” ou “folclore”. São modos filosóficos de habitar o mundo, fundados na oralidade, na memória e no ritual. Jorge dos Santos Lima, em seguida, propõe uma filosofia pós-eurocêntrica: examina o cânone como máquina de exclusão e propõe devolver ao amor de Sofia sua multiplicidade — africana, indígena, feminina, popular. Esses dois ensaios revelam que a filosofia não pode mais sustentar-se como monopólio de uma tradição. Se quiser ser fiel a seu nome, precisa reconhecer-se como campo plural, onde diferentes formas de vida e de saber se encontram.

Ao reunir ontologia, crítica social e ancestralidade, este volume não busca uma síntese conciliadora. O que se oferece ao leitor é um espaço de tensões criativas. A ontologia só permanece viva quando reconhece que o ser é histórico e plural. A crítica social só cumpre sua tarefa quando se deixa interpelar pela cultura e pela experiência popular. A ancestralidade só se converte em filosofia quando é assumida não como resíduo, mas como potência presente. É nesse cruzamento de forças que se desenha a fisionomia desta edição.

Mais do que uma coletânea de artigos e ensaios, esta edição é um convite à travessia. Filosofar não é guardar respostas, mas reabrir horizontes. Não é acumular conceitos, mas arriscar-se a criar novas formas de dizer. A filosofia, desde Sócrates, vive de estranhamento: é a arte de tornar o familiar em problema, de desconfiar do que parece óbvio, de escutar vozes que foram silenciadas. Aqui, ela aparece como prática de escuta e de criação: escuta, porque se abre às vozes indígenas, africanas, femininas, populares; criação, porque se arrisca a inventar conceitos que deem corpo a essas experiências.

Se a *dialektiké* retorna agora, é para insistir que a filosofia não cabe em manuais nem se encerra em fronteiras. Ela é sempre travessia: entre o ser e a sociedade, entre a tradição e a crítica, entre o passado e o futuro. Que o leitor percorra estas páginas como quem atravessa um território em movimento, onde cada texto é convite à pergunta e cada pergunta é abertura para o que ainda não sabemos nomear.